

ÍNDIOS Médicos se aproximam de líderes indígenas para passar a atender pacientes das tribos e trocar experiências de tratamento

Pesquisadores montam 'escola de pajés'

Freira cuida de 'hospital' em plena selva

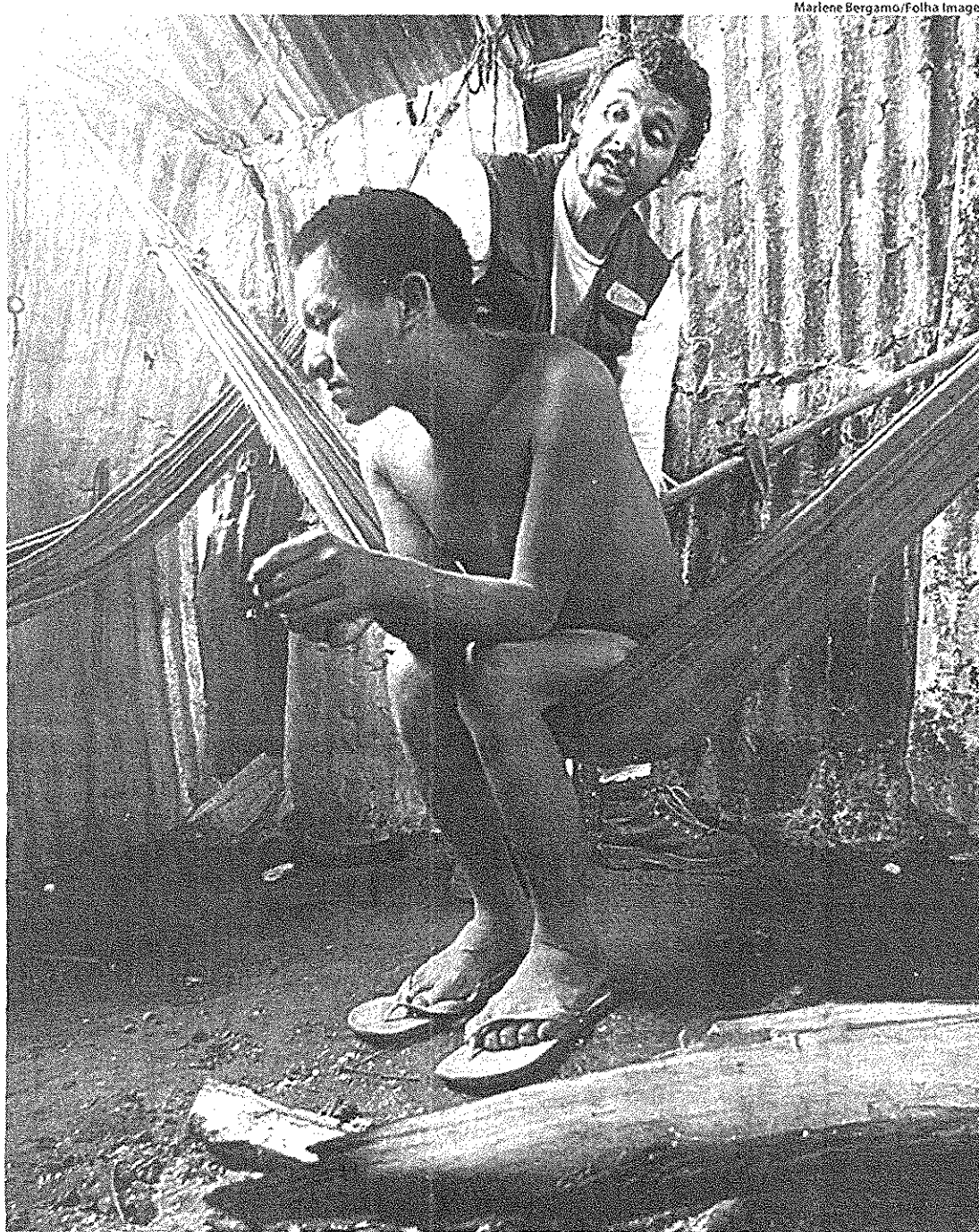
DO ENVIADO ESPECIAL

Descendo a meio caminho entre Iuareté e São Gabriel da Cachoeira, fica Taracuã. Foi a mais imponente das instalações salesianas na chamada Boca do Cachorro. Uma matriz de duas torres e dois imensos e vazios pavilhões que já abrigaram 600 meninas e meninos indígenas em regime de internato.

Hoje, além da pequena aldeia e alguns padres e freiras, a irmã Rose toca um hospital que não tem médicos, apenas seus cuidados. "Se o doente quer trazer o benzedor, que traga, desde que coma", diz irmã Rose.

Uma das tarefas que essa freira se atribuiu foi coletar os usos de ervas medicinais dos povos que habitam a região. Um índio vai de aldeia em aldeia, ouvindo e anotando o nome das plantas e seus benefícios. Irmã Rose já reuniu informações para um livro que será lançado em breve com apoio de instituições internacionais.

O antropólogo Renato Athias é cético quando se fala de plantas. "Para o indígena, a cura nunca vem apenas de uma erva. A planta faz parte de um ritual, sem os quais a cura não acontece."



O médico Oscar Soares atende índio que tomou flechada em conflito com grupo da mesma etnia

Marlene Bergamo/Folha Imagem

AURELIANO BIANCARELLI

ENVIADO ESPECIAL AO RIO NEGRO

Uma parceria aparentemente inviável, entre o médico de estoscópio no pescoço e o pajé de cocar na cabeça, vem sendo experimentada e avaliada nas regiões do Médio e Alto Rio Negro (AM). São reservas indígenas na divisa com a Colômbia e a Venezuela, onde 21 mil índios ocupam 720 aldeias numa área de 108 mil km².

Ali, os oito médicos que percorrem essas aldeias procuram entrar nas cabanas acompanhados dos pajés ou kumus [os benzedores], que facilitam a mediação, o diagnóstico, as explicações e a medicação ao paciente.

Depois de 50 anos de doutrinação salesiana, durante os quais os benzedores tiveram que esconder seus poderes e os pajés "fingiram" que desapareceram, o renascimento dessas entidades começa a ser valorizado. Aos poucos, estão sendo incentivados a sair da clandestinidade. Associações como o Centro de Revitalização da Cultura Indígena de Iuareté (Cerci), coordenado pelo kumu tucano Guilherme Maia, é dessas iniciativas que têm o apoio de organizações internacionais e da Organização Mundial de Saúde.

A proposta é revitalizar elementos centrais das culturas indígenas do Uaupés/Rio Negro, o que facilitaria a parceria entre os profissionais médicos e os pajés.

"Estamos trabalhando para que os profissionais de saúde entendam que é necessário uma relação entre as duas medicinas", diz o antropólogo Renato Athias, coordenador do núcleo de estudos e pesquisas em etnicidade da Uni-

versidade Federal de Pernambuco e assessor de duas importantes organizações que trabalham no Alto Rio Negro. Uma delas é a Associação Saúde Sem Limites, a outra é a Foirn, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. Com a experiência e o profissionalismo de quase duas décadas, a Foirn é hoje a parceira da Funasa (Fundação Nacional da Saúde) nos cuidados médicos de toda a população desse distrito sanitário indígena.

Culturais

Athias diz que há mais de 20 anos está no encalço dessas culturas e tradições, sempre em contato com o que chama de "sabedores indígenas". São três os personagens indígenas que detêm e passam de geração a geração os poderes xamânicos. O que nós chamamos de pajé, entre os tucanos é chamado de yai. O segundo é o baiá, o terceiro, o kumu.

Segundo Athias, o yai é o mais poderoso. Ele cura pela água, pelo sussurro, pelo sopro, e vai buscar na mitologia a causa da doença. O baiá cura pela música. Enquanto o yai toca no corpo da pessoa e cuida de sua enfermidade, o baiá faz a proteção de todo o ambiente, da maloca, da família, da aldeia. O kumu, o benzedor, cura pela palavra e pelas plantas.

Desde 1999, por meio da Associação Saúde Sem Limites, Athias vem conseguindo reunir anualmente esses "sabedores indígenas", a maioria kumus, pois há poucos baiás e os yais nem se identificam. Hoje, as assembleias são chamadas de "encontros de medicina tradicional".

O jornalista viajou a convite da Foirn

Projeto recupera tradições indígenas

DO ENVIADO ESPECIAL

A Associação Saúde Sem Limites fica numa casa simples na mesma rua onde se encontra a grande maloca da Foirn, em São Gabriel da Cachoeira. O coordenador local do projeto de "medicina tradicional" é o tucano Maximiliano Corrêa Menezes, 42.

Sua função, e a do projeto, é capacitar recursos humanos que chegam de fora e que vão trabalhar com os índios mata adentro. Outra função é apoiar e valorizar a cultura dos povos indígenas. Nessa empreitada, a associação está trabalhando como Cerci, Centro de Estudo e Revitalização da Cultura Indígena de Iuareté.

A missão é imensa. Recuperar valores, línguas, mitologias, música, crenças, costumes. "Tudo que desapareceu nos cem anos da presença missionária e que estava adormecido", diz Menezes.

São eles que estão ordenando o vasto material — colhido nos quatro "encontros de pajés" ocorridos nos últimos anos — para que

seja transformado em referência didática para as escolas indígenas. "Por enquanto, são apenas imensos relatórios", diz.

Na sala ao lado, fone no ouvido, gravador ligado, está o tucano Alfredo Fontes, 53, alfabetizado em português, tucano e baniwa.

Raro hecetero de línguas e dos costumes da região, ele passa os dias traduzindo longas conversas gravadas com "curadores" de aldeias ao longo do rio Içana, copiando no computador. "Não sou benzedor, eu só transcrevo", diz Alfredo Fontes.

Rituais

A fala que está ouvindo atualmente e traduzindo para o tucano é um longo ritual de "fechamento de corpo". Em muitas etapas, o kumu vai mentalizando cada grupo de animais peçonhentos, como as formigas de fogo, os escorpões, os marimbondos, as cobras venenosas.

Depois de "macerar" cada grupo, ele vai "retirando o veneno", num ritual demorado que é "ca-

paz" de devolver a energia e a força ao paciente que está sendo "benzido". Até que, ao final, ele será preso num cercado invisível, onde as forças do mal não poderão entrar.

Os sumos e leites da natureza vão lhe garantir a energia física e mental e um grande poder de concentração para enfrentar seus inimigos. Nas suas mais de 50 longas anotações, estão rituais para proteger as meninas que entram na primeira menstruação — "e que ficam mais fracas para as doenças" — e até benzimentos para os bebês recém-nascidos. "Há também benzimentos para mulher achar marido e marido achar mulher", ele conta.

Tradição revivida

Assim que essas histórias "virarem" livros, e eles chegarem até as aldeias de onde foram coletadas, os meninos índios saberão o que seus avós contavam a seus pais.

É um elo que estava quase perdido e que começa a ser recuperado com o projeto.

História determina ritual de cura

DO ENVIADO ESPECIAL

Os rituais de cura dos índios do Médio e do Alto Rio Negro são baseados nos episódios da história dessa população. O curandeiro examina o doente, interpreta as suas dores e determina os procedimentos para o tratamento.

Com o corpo encolhido, o paciente chega enrolado numa rede, com dores intensas na parte esquerda da barriga. Quatro indígenas, com o rosto coberto por máscaras ou pinturas, estão ali para providenciar a sua cura.

O yai, nome que se dá ao pajé nesse região do Alto Rio Negro, traz um bastão na mão direita. Seus acompanhantes são os kumus, os benzedores e auxiliares.

O yai apalpa a barriga do paciente e começa a assoprar pelas fendas de seu corpo. Traga um cigarro de palha e assopra a fumaça entre os dedos das mãos e dos pés do paciente.

Homem branco

Na crença desses povos, quem

traz a doença é o homem branco. O que os indígenas sentem são dores provocadas durante o longo caminho percorrido pelos ancestrais desde o surgimento dos primeiros homens até a chegada a seu abrigo natural, no Alto Rio Negro.

As crenças variam de acordo com as etnias, mas são muito semelhantes entre os 22 grupos que habitam essa região.

Acredita-se que em algum lugar na baía da Guanabara, onde está hoje o Rio de Janeiro, milhares de anos atrás, iniciou-se a grande "viagem da transformação".

Durante essa viagem, até Ipanoré no rio Uaupés, a humanidade foi sendo criada. Do interior da Cobra-Canoa todos os grupos saíram para esse mundo no rio Uaupés, na região que considerada o paraíso deles, uma espécie de "terra prometida".

Os três personagens foram libertados pela grande serpente na região das cachoeiras do Juru-Pari, no extremo alto do Uaupés, em terras colombianas. Foram então

que desceram e deram descendência, já abaixo de muitas corredoiras, às muitas famílias que formaram os povos do Médio e do Alto Rio Negro.

2.000 anos

Isso teria ocorrido há milhares de anos. As notícias de grupos nessa região datam de 2.000 anos, quando os Tukano já eram os senhores das terras e empurravam para as matas etnias mais servís e dependentes da caça, como os Hupda.

Na crença desses grupos, e especialmente na interpretação do yai, todas as dores e doenças são explicadas por algum episódio ao longo dessa grande viagem. É da leitura e interpretação do yai, que dependerá a cura daquele paciente. Os kumus estarão ao lado para preparar chás e massagens com ervas que aliviarão a dor do paciente. Depois de horas de "tratamento", o índio que chegou entretido, já abre os olhos e faz gestos com as mãos.